

| Ensaio

UMA LEITORA DE CONTOS

Por Maria Alzira Blum Lemos

Na época em que eu me formei como leitora as coletâneas eram praticamente tudo que eu tinha acesso. A maioria dos contos e novelas que li nesta época foi em coletâneas, que eram nos 60-70 uma forma comum de difundir literatura. Então, elas foram fundamentais para mim.

Ainda me considero em formação como artista. A formação é algo contínuo. A cada dia mudo o meu olhar sobre o passado, à luz do presente. O pensamento, a arte, a vida, não são estáticos. Então minha lista contém tanto obras que li na adolescência quanto obras que li mais recentemente. O critério para citá-las é que são textos que se incorporaram à minha maneira de pensar, sentir, criar, viver. Falo em obras, não em livros, principalmente porque, sobretudo no caso dos autores do século XIX, trata-se de textos que apareceram no Brasil em edições diferentes ao longo do tempo. Também chamo a atenção para que desconfiemos dos critérios fixos ou das verdades que parecem estabelecidas quando falamos em arte, literatura, gêneros literários etc. e para a possibilidade de que a classificação seja também criativa e crítica. Esta lista é, portanto, tão verdadeira quanto provisória e mutante.

Lá pelos 12, 13 anos, eu lia muito ficção, ciência, história, enciclopédias. Pegava livros na biblioteca do Sesi na cidade onde morava. Os contos de Anton P. Tchekov (1860 - 1904) (dica de edição recente: O assassinato e outras histórias, de 2002, da Cosac Nayfi) e de Franz Kafka (1883-1924). "O artista da fome", "Um relatório para a academia", "A metamorfose", "Carta ao pai", entre tantos outros, me impressionaram então. Acho que por se tratar de narrativas não conclusivas, que possibilitam a reflexão.

Foi também por coletâneas que conheci os textos de John Steinbeck (embora não saiba dizer o motivo pelo qual "O destino viaja de ônibus" ainda resista tão nitidamente na minha memória) e Thomas Mann; "Morte em Veneza" me impactou tanto pelo tema quanto pela abordagem. Estava num volume de novelas alemãs. Encontrei no Google referência a

uma edição com estas características dos anos 60, da Cultrix, mas não tenho certeza que foi esta que li.

Aos 16 anos tive contato com as obras dos dois autores que se tornariam grandes paixões e, sim, influências: Julio Cortázar e Jorge Luís Borges. Como acontece nas paixões, eu me vi nestes autores, me encontrei neles e incorporei à minha maneira suas visões de mundo e da ficção. Entre outras coisas, eles me impulsionaram a aprender espanhol por minha conta e adentrar na língua e na cultura hispânicas. Por isto, posso dizer que foram fundamentais na minha formação. O primeiro livro (neste caso livro porque a edição brasileira é uma tradução do original) que li de Cortázar foi *Bestiário*, volume de contos de 1951. Dentre os que li depois destaco *La vuelta al dia en ochenta mundos*, de 1967, um conjunto de narrativas curtas ilustradas que imbricam o autobiográfico a um conjunto de observações de mundo. Só recentemente saiu uma edição aqui, pela Civilização Brasileira, traduzida aliás pelos amigos Ari Roitman e Paulina Watch.

De Borges cito o primeiro que li, *Ficções*, de 1944, do qual constam "A biblioteca de Babel", "O jardim dos caminhos que se bifurcam", "Pierre Menard, autor do Quixote". A conexão entre autobiografia, ficção, pensamento, lógica, matemática, a fixação na leitura e na leitura de enciclopédias, tudo isto em Borges me fascina e obsessiona.

Nos anos 90, quando morava na Espanha, me impressionou o livro *Nunca llegarás a nada*, de Juan Benet. A edição brasileira, que tive a oportunidade de traduzir, saiu recentemente pela Civilização Brasileira. Benet não me influencia, a estranheza de seus relatos, a profunda diferença que estabelece com o leitor, sua capacidade de fazer coisas com palavras me fazem pensar e, por isso, admirar sua escritura.

Nos anos 2000, e continuo falando de narrativas curtas (as classificações, quando não são criativas, são tão insuficientes quanto injustas), li a obra de Mario Bellatin. (Há uma edição da obra reunida pela Alfaguara. No Brasil, tem uma edição de *Salão de Beleza*, traduzida por mim, pela *Leitura XXI*.) Não sei se posso falar em influência, mas coincido em algumas propostas estéticas deste autor, nos modos de articular. E recomendo que conheçam sua obra.

Entre os de língua portuguesa, meus favoritos (Fernão Mendes Pinto e Euclides da Cunha, entre os antigos) não escreveram contos. Entre os novos, estou devendo a leitura de Gonçalo Tavares (qual o gênero mesmo?). Eça de Queiroz (gosto particularmente de sua erudição, da forma como temas de ciência, filosofia e medicina aparecem nas suas obras) e Guimarães Rosa me impressionaram. Os contos de Tutaméia fazem jus ao que dizem de

Rosa, mostram seu pensamento-mundo. Não me influenciaram, mas são lições a ter em conta.

Para finalizar esta lista, terminado-a sem completá-la, já que pode ter muitas outras combinações possíveis, quero falar dos autores brasileiros da chamada Geração 90 (Marcelino Freire e Nelson de Oliveira, entre outros). Eles deram nova dimensão ao conto, à narrativa curta, tanto com relação às tradições quando à cultura contemporânea brasileira. Não sei se posso falar de influência. Mas tê-los conhecido e ter lido suas obras me incluiu num campo de diálogo e produção. São meus contemporâneos, fazemos coisas juntos, estamos aqui e agora.

MARIA ALZIRA BLUM LEMOS (São Paulo/Rio de Janeiro) - Escritora e Tradutora. Doutora em Comunicação e Semiótica. Autora, entre outros de *A ordem secreta dos ornitorrincos* (ficção, Amauta, 2008) e *O doutor e o jagunço: Ciência, cultura e mestiçagem em Os Sertões* (ensaio, Arte & Ciência, 2000). Está escrevendo *1979: a criação do mundo* (lançamento entre 2009-2010).